
RELAÇÕES FAMILIARES
NAS IGREJAS BATISTAS
DE VISEU E DE TONDELA
(1930-1945)
Uma Análise de Redes¹

Timóteo Cavaco

Investigador Integrado (IHC/NOVA); Investigador Colaborador (CEHR/UCP);
Lic. Bioquímica (FCT/Univ. Coimbra); Pós-Grad. Pensamento Cristão (Liberty Univ.)

Docente e Coordenador Pedagógico – STB

¹ Adaptado do trabalho escrito «A Análise de Redes aplicada às Famílias nas Igrejas Batistas de Viseu e de Tondela» submetido no âmbito da unidade curricular Metodologias em História do curso de doutoramento em História (especialidade Contemporânea) da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa no ano letivo 2016/2017.

Resumo

As comunidades protestantes surgem em Portugal fundamentalmente a partir da segunda metade do século XIX, constituindo nas décadas seguintes uma rede capilar desuniforme e pouco estruturada, mas com uma certa disseminação territorial. Tal rede baseou-se em sociabilidades de vária ordem, mas fundamentalmente em núcleos familiares. Embora se tenham constituído um pouco mais tarde do que a generalidade das denominações protestantes históricas, as igrejas batistas, que se começam a expandir a partir dos anos 1910, seguiram a lógica dos seus predecessores. Partindo de um estudo de caso, relativo à existência das igrejas batistas de Viseu e de Tondela num período de tempo limitado (1930-1945), procura-se perceber a natureza e a abundância das relações familiares no seio de tais comunidades. Para tal, recorreu-se à publicação periódica *O Semeador Baptista* como fonte principal, aplicando aos dados recolhidos a metodologia de análise de redes sociais, muito usada atualmente em áreas tão diversas como a sociologia, a psicologia social, a antropologia, e também a história, nomeadamente nos estudos do período contemporâneo.

Palavras chave: Batistas. Igrejas. Análise de Redes

FAMILY RELATIONS IN THE BAPTIST CHURCHES OF VISEU AND TONDELA (1930-1945) A Network Analysis

Abstract

*Protestant communities developed in Portugal essentially from the second half of the 19th century, establishing in the following decades a non-uniform and poorly structured capillary network, yet with a considerable territorial dissemination. Such a network was based in different types of sociabilities, but fundamentally in family units. Although Baptist churches, which began to expand from 1910s onwards, were created a little later than the other historical Protestant denominations, they followed the logic of their predecessors. Using as a case study the life of the Baptist churches of Viseu and Tondela, during a limited period (1930-1945), we seek to perceive the nature and abundance of family relations within these communities. To this purpose, we used the periodical *O Semeador Baptista* as the main source, applying to the collected data the methodology of Social Network Analysis, which is very often employed in diverse fields such as Sociology, Social Psychology, Anthropology, and in History, particularly in the studies of the contemporary period.*

Keywords: *Baptist: Churches. Network Analysis*

FAMÍLIAS NAS IGREJAS OU IGREJAS DE FAMÍLIAS?

No dia 9 de maio de 1943 foi apresentado aos membros da «Igreja Baptista de Tondela» o relatório de atividades e do movimento financeiro² do seu «ano eclesiástico» anterior. Tendo esta comunidade sido formalmente organizada no dia 3 de maio de 1914³ era hábito celebrar o seu aniversário num dos domingos mais próximos desta data. Da leitura deste documento podemos ficar a conhecer muito de quem integrava, a forma como estava organizada e como eram administrados os recursos, as iniciativas de cariz doutrinador, formativo e evangelizador que realizava, e ainda as relações que mantinha com outras comunidades de fé semelhantes e seus líderes, esta pequena comunidade «dos protestantes» na Beira Alta do Portugal na primeira metade do séc. XX.

O presente trabalho pretende dar um contributo, que no futuro importa desenvolver, para um conhecimento mais profundo e sistemático das famílias que têm constituído as comunidades batistas ao longo de pouco mais de um século da sua implantação em Portugal.⁴ Os auxílios bibliográficos publicados no âmbito geral da presença batista no país seguem normalmente uma matriz narrativa e analítica mais centrada nas lideranças, tanto ao nível pessoal como das entidades missionárias estrangeiras que atuaram em território nacional.

É, pois, menos frequente a preocupação em caracterizar a rede capilar batista, presente nas principais regiões do país, a partir dos elementos mais básicos que a constituem: as pessoas e as famílias. Nesta pesquisa parte-se de

² *Relatório Espiritual e Financeiro da Igreja Baptista de Tondela de 1 de Maio de 1942 a 30 de Abril de 1943: Lido na Reunião do seu 29.º Aniversário, em 9 de Maio de 1943.* Tondela: Igreja Baptista de Tondela, 1943.

³ FELIZARDO, Herlânder – *História dos Baptistas em Portugal*. Lisboa: CEBAPES, 1995, p. 169.

⁴ Para maior desenvolvimento, ver: ANDRÉ, João Virgílio Ramos – *A Obra Missionária em Portugal*. Rio de Janeiro: JUERP, 1981; FAIRCLOTH, Samuel D. – *Esboço da História dos Baptistas: súmula do livro «A History of the Baptists» por Roberto G. Torbet, Ph. D.* Leiria: Vida Nova, 1959; FELIZARDO, Herlânder – *História dos Baptistas em Portugal*; HARRELL, Norman Lynn, FELIZARDO, Herlânder Mário Machado da Conceição e LEAL, Jorge Cardoso Pereira – *História dos Baptistas em Portugal*. Lisboa: Ordem dos Pastores Baptistas, 1988; HARRELL, Norman Lynn – *Beginnings of Baptist Work in Portugal: 1908-1928*. Fort Worth: Southwestern Baptist Theological Seminary, 1991. Tese M.A. Miss.; para um conhecimento mais detalhado dos primórdios batistas em Portugal é importante a consulta do relato autobiográfico: MAURÍCIO, António – *Salvo para Servir*. Leiria: Ed. Autor, 1937.

um estudo de caso centrado em duas das comunidades batistas mais antigas, presentes em localidades que distam entre si pouco mais de 20 km – Viseu e Tondela –, o que confere uma garantia suplementar de um ambiente social, cultural, e naturalmente religioso, significativamente homogéneo para o período analisado, que se estende de 1930 a 1945. Devido à proximidade geográfica, nota-se ao longo do tempo uma grande afinidade entre as pessoas e as famílias que foram constituindo estas comunidades, afinidade essa reforçada em largos períodos da sua história pelo facto de o pastor de ambas igrejas ser a mesma pessoa.

BATISTAS: OS NÃO CONFORMISTAS EM PORTUGAL

As ideias batistas só chegaram a Portugal no final do séc. XIX. Por esta altura já estavam estabelecidas no país as principais correntes eclesiásticas protestantes – episcopal (1839), presbiteriana (1845) e congregacionalista (c.1860) – com igrejas dos mais diferentes ramos resultantes da explosão puritana e pietista dos séculos anteriores nos territórios em que a Reforma do séc. XVI tinha vingado: concretamente, as igrejas presbiteriana, metodista, lusitana, congregacional, «irmãos», e outras sem grande expressão ou penetração.

Como acontecera com outros ramos do protestantismo, também a fé batista chegou a Portugal, designadamente à cidade do Porto, por via de um cidadão britânico, já nascido em terras lusas. Joseph Charles Jones (1848-1928) era filho de Joseph Jones (1786-1868), comerciante ligado aos negócios do Vinho do Porto, residente na cidade desde 1808 e que participou na fundação da Associação Comercial do Porto em 1834.⁵ Tendo o pai deste comerciante sido um pregador e escritor batista no País de Gales e na Inglaterra, ainda no séc. XVIII, Joseph Charles e seus irmãos pertenciam, assim, à terceira geração de batistas na família. Sendo inexistente esta tradição eclesial em solo metropo-

⁵ HENRIQUES, João Paulo – *Os Protestantes e o seu impacto sócio-cultural em Portugal. Contribuições para a elaboração de um roteiro turístico*. Estoril: Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril, 2004. Tese de Licenciatura, p. 34.

litano português,⁶ a família Jones esteve ligada até bem tarde a outras comunidades protestantes, primeiro a anglicana, de língua inglesa, e depois a metodista, já de língua portuguesa. Foi só com Joseph Charles que se iniciou a pregação batista em Portugal, após ter sido batizado em Londres na famosa igreja batista da capital inglesa, o *Metropolitan Tabernacle*, cujas origens remontam a 1650.⁷ No dizer de Faircloth, Jones «era um convicto batista e um batalhador pela verdade»; e ainda: «iniciou a pregação do evangelho no Porto, no bairro do Bom Sucesso. Batizou os primeiros frutos deste trabalho em 1888».⁸

OS BATISTAS NA BEIRA ALTA

Resultado da expansão missionária da *Primeira Igreja Baptista Portuguesa*, entretanto criada em 1908 como resultado da reorganização do trabalho inicial de Joseph C. Jones,⁹ são estabelecidas em 1914 as igrejas batistas de Viseu e de Tondela. A primeira resultou da deslocalização de uma família – Matos – do Porto, onde integrava a igreja batista, para a capital de distrito beirão. A 22 de março de 1914 esta comunidade é formalmente constituída por cinco membros batizados, quatro dos quais da já referida família Matos; é provável, porém, que este núcleo familiar fosse mais alargado. João Jorge de Oliveira (1883-1958), missionário nascido em Portugal mas enviado pela Convenção Batista Brasileira, ficou como pastor da igreja. O efeito de novidade que o discurso batista provocou acabou por atrair numerosa assistência, «de todas as classes sociais», ao local de culto alugado para o efeito na Av. Emídio Navarro, 31.¹⁰

⁶ Em território ultramarino, os batistas estavam presentes desde 1878, através dos missionários ingleses da *Baptist Missionary Society*; cf. FELIZARDO, Herlânder – *Angola: Campo de Missões Cristãs*. Viseu: Ed. Autor, 2005, p. 124.

⁷ Charles Haddon Spurgeon's Tabernacle - Metropolitan Tabernacle. [acedido 23 Dezembro 2016] em <URL <http://www.metropolitantabernacle.org/Church-Details/History>>.

⁸ FAIRCLOTH, Samuel D. – *Esboço da História dos Baptistas: sùmula do livro «A History of the Baptists» por Roberto G. Torbet, Ph. D.*, p. 225.

⁹ FELIZARDO, Herlânder – *História dos Baptistas em Portugal*, p. 18; MOREIRA, Eduardo – *Vidas Convergentes: História Breve dos Movimentos de Reforma Cristã em Portugal, a partir do Século XVIII*. Lisboa: Junta Presbiteriana de Cooperação em Portugal, 1958, p. 348.

¹⁰ FELIZARDO, Herlânder – *História dos Baptistas em Portugal*, p. 18

Resultado dos primeiros conversos à fé batista em Viseu, estabeleceu-se logo de seguida uma nova comunidade com residentes na vila vizinha de Tondela, a qual se organizou como igreja batista pouco mais de um mês depois, a 3 de maio do mesmo ano. Oliveira assumiu também o pastorado da novel congregação constituída por três membros batizados, que se passou a reunir na R. Cândido dos Reis.¹¹

BALIZAS CRONOLÓGICAS: CONTEXTO E PRIMEIROS DESENVOLVIMENTOS DAS COMUNIDADES BATISTAS

As balizas cronológicas seleccionadas no âmbito desta investigação prendem-se com fatores de contexto mais abrangente mas também com questões próprias da dinâmica de desenvolvimento das igrejas batistas em Portugal. Entre 1930 e 1945 o país viveu um período de transição política e social resultante do colapso da I República seguido por um período de estabilização iniciada com a entrada em vigor da lei fundamental em 1933, que enformaria o regime do Estado Novo. No plano estritamente religioso este é um período absolutamente vital para a compreensão do que foi o séc. XX português no domínio das relações entre as igrejas e o Estado. Tal como afirma Paula Borges Santos, «na primeira década da sua ação governativa, Salazar conseguiu precipitar uma evolução no catolicismo português em relação ao que haviam sido as principais questões de conflito que o atravessavam desde a instauração da República em 1910 até à revolução do 28 de maio de 1926».¹² Efetivamente, para além da aprovação dos principais dispositivos normativos destinados a enquadrar o fenómeno religioso – a Constituição (1933) e a Concordata e Acordo Missionário (1940) –, o Estado fez aprovar um mais vasto conjunto de instrumentos legislativos nesta matéria, que iam desde diplomas relativos à «confessionalização» do ensino, ao divórcio e à «defesa da família», aos feriados e ao descanso semanal, etc.¹³ Embora de forma marginal, um

¹¹ *Ibid.*, p. 42.

¹² SANTOS, Paula Borges – *A Segunda Separação: A Política Religiosa do Estado Novo (1933-1974)*. Coimbra: Almedina, 2016, p. 391.

¹³ *Ibid.*, p. 287.

labor legislativo quase exclusivamente centrado na confissão hegemónica em Portugal acabaria por tornar cada vez mais irrelevante a ação de outras expressões religiosas presentes no território nacional, mormente as protestantes.

Ainda assim, as intenções de Oliveira Salazar quanto ao enquadramento da atividade religiosa e à reversão da política seguida pela República foram observadas na imprensa batista, pelo menos em dois momentos concretos ao longo do período em análise. Num primeiro texto, logo no ano em que Salazar ascende à chefia do Governo, é elogiado o discurso proferido pelo presidente do Ministério em que este defendia a separação entre as igrejas e o Estado, afirmando-se: «Durante muito tempo, católicos e monárquicos se confundiram, mas, quando aqueles viram perdidas as esperanças de voltar a monarquia, acharam que era melhor aderirem à República. Não é de agora esta maneira subtil que a Igreja Romana tem de agir».¹⁴ E continuava: «Sim, sr., não podemos deixar de apoiar sua Excelência com toda a sinceridade, e oxalá que os dirigentes católicos o ouvissem, para seu prestígio e prestígio da Igreja a que pertencem, porque o motivo da revolta contra a Igreja Católica é exatamente a sua intromissão na política das nações.»¹⁵ Já após a aprovação da Constituição a imprensa batista voltou à questão religiosa. Criticava-se então os que durante a I República tinham tentado extinguir o sentimento religioso do povo, afirmando o autor: «Eis o grande erro dos que há vinte anos atrás quiseram *criar uma sociedade sem crenças*, erro político de consequências terríveis nos nossos dias».¹⁶

O período de transição para a década de 1930 não traria os melhores augúrios aos batistas em Portugal. Após cerca de 15 anos de crescimento sustentado com uma média de uma nova comunidade local por ano e já dispondo de um contingente de cerca de dez pastores nacionais, os batistas portugueses viriam a sofrer duros reveses principalmente com dois episódios que perturbaram a estabilidade até então sentida. Por um lado, em 1928 ocorreu uma cisão entre o grupo que representava *The Baptist Missionary Associ-*

¹⁴ *O Semeador Baptista*. Vol. VII, n.º 73 (1932), p. 3.

¹⁵ *Ibidem*.

¹⁶ *Um Erro Político*. *O Semeador Baptista*. Vol. VII, n.º 81 (1933), p. 1.

ation of Texas liderada em Portugal por João Jorge de Oliveira e o grupo que representava a Convenção Batista Brasileira, apoiado pela *Southern Baptist Convention*, representada por António Maurício (1893-1980).¹⁷ Por outro lado, a Grande Depressão na América do Norte, a qual levou à extinção imediata de qualquer apoio financeiro proveniente da junta missionária do Texas e à retirada do seu representante em Portugal.¹⁸ Paradoxalmente, o que poderia ser entendido como um grande revés para o desenvolvimento batista acabou por unir as partes até então desavindas conduzindo assim a um período de unidade entre as igrejas e seus dirigentes. Demoraria ainda cerca de três anos até que a igreja batista de Viseu se unisse de novo à Convenção Batista Portuguesa,¹⁹ federação estabelecida em 1920 para agrupar as quatro igrejas batistas que então existiam no país: Porto, Viseu, Tondela e Leiria.

Novamente devido a fatores externos, começaram a surgir divisões entre os batistas em Portugal. O início da guerra em 1939, mas particularmente a entrada dos EUA (1941) e do Brasil (1942) no conflito mundial impediram que as tão necessárias ajudas financeiras dos batistas destes países chegassem ao nosso território, o que começou a gerar desconforto e mesmo desorientação entre os líderes. A nova divisão do «campo batista» só viria, porém, a ser consumada após 1945, com a criação da União Batista de Portugal²⁰ à qual aderiria a igreja batista de Viseu enquanto a sua congénere em Tondela permaneceu na Convenção Batista Portuguesa. A este processo não foi alheia a entrada no país de novos agentes missionários norte-americanos e brasileiros.

Percebe-se assim que a escolha da cronologia da presente investigação foi condicionada em grande medida pelos alinhamentos das igrejas em apreço – Viseu e Tondela – nas diferentes tendências que foram coexistindo no seio dos batistas em Portugal. Efetivamente, nos primeiros cerca de 50 anos de existências destas duas comunidades, apenas durante este curto período de tempo pertenceram em simultâneo ao mesmo organismo federativo.

¹⁷ FELIZARDO, Herlânder – *História dos Baptistas em Portugal*, p. 79–80.

¹⁸ *Ibid.*, p. 83.

¹⁹ Igreja Batista de Viseu. *O Semeador Baptista*. Vol. VII, n.o 81 (1933), p. 7.

²⁰ FELIZARDO, Herlânder – *História dos Baptistas em Portugal*, p. 113.

A ANÁLISE DE REDES NA RECONSTITUIÇÃO DE FAMÍLIAS E DE COMUNIDADES ECLESIAÍSTICAS

A presente investigação pretende fazer uso dos recursos que são colocados à disposição do historiador pelos métodos de análise de redes sociais. Esta área tem sido alvo de abundante utilização particularmente nos últimos 50 anos, sendo aplicada às mais diversas áreas do saber. Pode dar, por isso, um enorme contributo aos cientistas sociais e também a todos os investigadores no campo da história, designadamente da história social.

Pode parecer um pouco estranho que só nas últimas décadas se tenha desenvolvido esta metodologia quando afinal as respostas que procura dar correspondam a perguntas quase tão antigas quanto a existência da própria humanidade. A grande e fulcral pergunta é afinal um problema de ordem social: como e até que ponto pessoas individuais e autónomas são interdependentes e capazes de estabelecer ligações e sociabilidades duradouras?²¹ As teorias em torno da análise de redes potenciam, porém, explicações para fenómenos sociais muito mais abrangentes do que este. É um poderoso instrumento para se poder aplicar a um conjunto muito vasto de intervenções e produtos da ação humana.

É natural que os cientistas sociais e em particular aqueles que procurem usar metodologias de análise de redes sociais se preocupem primariamente com o ser humano e as relações que estes podem estabelecer entre si. A grande vantagem do uso destas técnicas é que elas não se limitam aos seres humanos nem tão pouco às ações que estes realizam no campo social, político, económico ou cultural. Mais importante ainda é que as análises de redes sociais não estão limitadas a seres individuais, sejam humanos ou não mas podem facilmente ser expandidos para o estudo de relações entre grupos, organizações, ou mesmo unidades territoriais como países ou entidades supranacionais.

Tal como diz Linton C. Freeman: «Network analysts, then, seek to uncover

²¹ BORGATTI, Stephen P.; MEHRA, Ajay; BRASS, Daniel J.; et al. – Network Analysis in the Social Sciences. *Science*. Vol. 323, n.º 5916 (2009), p. 892.

various kinds of patterns. And they try to determine the conditions under which those patterns arise and to discover their consequences»²².

Na investigação apresentada partimos da observação de relações familiares entre pessoas individuais, porém integradas numa comunidade de fé, neste caso membros de uma igreja protestante do ramo batista. Não sendo naturalmente o único tipo de relações que interessa aos investigadores e em particulares aos analistas de redes sociais, as conexões resultantes dos diversos graus de parentesco têm tido notória importância para o desenvolvimento desta metodologia.²³ A verdade é que as relações familiares funcionam muitas vezes como chave para se perceber realidades muito mais vastas e abrangentes, mas em simultâneo talvez descobrir dimensões até então desconhecidas da vivência de cada um dos indivíduos envolvidos nessas redes familiares. No dizer de Robert Michael Morrissey:

If we can reconstruct one past individual's family connections, we can also reconstruct those of every single individual in a given community (or at least as defined by the baptismal, notarial, and marriage records in places where those records were preserved). When we do this, we actually learn a lot more about individuals and communities than we could by simply looking at discrete family lineages. We can gain insights by looking not just at individuals, but also at the larger kinship network itself.²⁴

A ambição desta pesquisa era contribuir não só para identificar um conjunto de relações familiares em duas comunidades batistas de uma mesma região do país como também para a reconstituição dessas mesmas comunidades a partir das famílias que as integravam. O roteiro sugerido por Maria Norberta Amorim para a reconstituição de paróquias inclui a organização de todos os dados biográficos disponíveis como registos de nascimento, de casamento e de falecimento; o passo seguinte consiste em cruzar todas estas informações produzindo uma matriz genealógica, que assim conduza à história

²² FREEMAN, Linton C. – *The development of social network analysis: a study in the sociology of science*. Vancouver, BC : North Charleston, S.C: Empirical Press ; BookSurge, 2004, p. 2.

²³ *Ibid.*, p. 160.

²⁴ MORRISSEY, Robert Michael – Archives of Connection: «Whole Network» Analysis and Social History. *Historical Methods: A Journal of Quantitative and Interdisciplinary History*. Vol. 48, n.o 2 (2015), p. 70–71.

de vida de cada integrante dessas comunidades. E Amorim remata: «... reconstituir paróquias é formar, em larga diacronia, uma “base de dados” com fichas biográficas de residentes em que se projeta marcar um início e um fim de observação, com as combinações possíveis entre nascimento ou imigração, por um lado, e falecimento ou emigração, por outro».²⁵ Como adiante se explica, a impossibilidade de aceder a um tão vasto conjunto de informações não permite chegar tão além, mas pode este ser um primeiro passo para que também as comunidades protestantes com presença mais antiga em Portugal possam ser reconstituídas a partir das famílias que em determinados momentos as integraram.

FONTE PRINCIPAL E FONTES COMPLEMENTARES: IDENTIFICAÇÃO E CARATERIZAÇÃO

A principal fonte documental usada nesta pesquisa foi *O Semeador Baptista*, órgão oficial da Convenção Baptista Portuguesa. O jornal com periodicidade mensal, que só começaria a ser publicado em 1926, continua até hoje em circulação, sem interrupções. Tratava-se fundamentalmente de uma publicação com caráter informativo sendo que, entre 1930 e 1945, duas a três páginas – de um total de oito – eram dedicadas a notícias sobre as iniciativas realizadas nas cerca de dez comunidades batistas espalhadas pelo país, sob a epígrafe «O Semeador na Seara». Outras tantas páginas diziam respeito à atividade desenvolvida pelas agências missionárias no território metropolitano mas também ultramarino e às relações que se mantinham com as suas congêneres noutros países, nomeadamente Brasil e EUA. Havia também secções dedicadas a públicos concretos como o «Cantinho das Senhoras», o «Cantinho das Crianças» e, a partir de 1944, a «Página da Mocidade». No campo da doutrinação as temáticas eram muito diversas, acompanhando com fre-

²⁵ AMORIM, Maria Norberta – Reconstituição de paróquias. Uma proposta de diálogo entre historiadores e demógrafos.pdf. [acedido 23 Dezembro 2016] em <URL <http://www.cepesepublicacoes.pt/portal/pt/obras/populacao-e-sociedade/revista-populacao-e-sociedade-no-1/reconstituicao-de-paroquias-uma-proposta-de-dialogo-entre-historiadores-e-demografos.pdf>>.

quência a agenda nacional ou internacional: por exemplo, ao longo do ano de 1940 foram publicados vários artigos a exaltar os valores da pátria e a destacar os feitos dos portugueses ao longo dos séculos; já a partir de 1941 – coincidentemente o ano em que os EUA passaram a intervir no conflito mundial – notava-se uma clara preocupação com os efeitos da II Grande Guerra, tendo sido mesmo iniciada em 1944 a secção «Preparo para o Após Guerra» e dedicado um número inteiro da publicação à vitória dos Aliados.²⁶ É consistente ao longo de todo este período a tónica marcadamente anti-católica da publicação, em particular na secção «O Semeador no Combate», em que se contestavam a ênfase dada a Maria e aos santos, as perseguições e discriminações a que os protestantes eram sujeitos ou mesmo a perceção do protestantismo como religião estrangeira; era ainda criticado o fenómeno de Fátima, o celibato clerical e o que se considerava ser o luxo e a ostentação da «corte papal».²⁷ Ainda assim, não eram menos contundentes as «farpas» dirigidas a outras igrejas de tradição protestante como aquelas que praticavam o pedobatismo, as adventistas ou sabatistas, e ainda às que sustentavam a «união das igrejas», processo que mais tarde viria a ficar conhecido como ecumenismo. Outrossim, era dado grande destaque a temas como a liberdade religiosa, o «verdadeiro batismo» – isto é, quando praticado a adultos e por imersão – e a relevância da Bíblia, considerada pelos batistas «Palavra de Deus».

Porém, há que ter a noção da incompletude dos dados fornecidos exclusivamente por esta fonte. Tal como afirma Maria Norberta Amorim: «Os problemas com as fontes são determinantes».²⁸ Para que um trabalho desta natureza ficasse completo haveria que recorrer a outros registos como fichas de filiação ou de «membrosia»,²⁹ livros de atas, boletins, etc., algo que não foi possível ou por inexistência de tais recursos ou por dificuldade de acesso aos mesmos. Acresce ainda o facto de as igrejas batistas só considerarem

²⁶ *O Semeador Baptista*. Vol. XIX, n.o 219–220 (1945).

²⁷ O Automóvel do Papa. *O Semeador Baptista*. Vol. IV, n.o 47 (1930), p. 3; O Telefone do Papa. *O Semeador Baptista*. Vol. V, n.o 49 (1930), p. 3.

²⁸ AMORIM, Maria Norberta – Reconstituição de paróquias. Uma proposta de diálogo entre historiadores e demógrafos.pdf.

²⁹ No contexto protestante é muitas vezes usado este brasileirismo como sinónimo de qualidade ou condição daquele que é formalmente membro de uma determinada comunidade eclesial.

como «membros» aqueles que tivessem sido batizados já em idade de consciência – geralmente nunca antes dos 7 ou 8 anos de idade – razão pela qual, em regra, não dispunham de registos com dados de crianças, mesmo que nascidas no seio de famílias pertencentes a essas mesmas comunidades. Assim, uma caracterização mais completa das pessoas e famílias das comunidades estudadas teria que necessariamente passar pela compulsão de outros dados como os de re-gisto civil e eventualmente os obtidos na imprensa local. Ainda assim, para o período estudado, as notícias sobre as comunidades batistas de Viseu e de Tondela são bastante detalhadas pelo que é de intuir a fiabilidade das informações relativas a entradas e saídas de membros,³⁰ casamentos e nascimentos de crianças.

Os dados obtidos a partir da principal fonte – *O Semeador Baptista* – foram complementados por outros instrumentos de pesquisa. Nesse sentido, foram realizadas duas entrevistas, uma oral outra escrita. A primeira entrevista, em registo oral, decorreu em simultâneo com Maria Manuela Norte e Maria Madalena Úria, sendo que a primeira integrou a igreja batista de Tondela entre 1944 e 1971, e a segunda a mesma comunidade entre 1948 e 2005.³¹ A segunda entrevista foi obtida, por escrito, com Teresa Pedreira e Sousa, com familiares que pertenceram à igreja batista de Viseu no período em estudo.³² Embora não tenha sido possível obter informações desta natureza a partir de pessoas que tenham vivido em idade adulta o período em estudo nas duas comunidades, os respondentes demonstraram conhecer e ter memórias pessoais em relação à maior parte das pessoas e das famílias identificadas na fonte principal, contribuindo ativamente para clarificar algumas das relações

³⁰ A entrada de membros processava-se através do batismo de novos convertidos – realizado a pessoas adultas e por imersão –, por «carta demissória» – isto é, sempre que uma igreja batista certificava que determinado membro estava «em comunhão» com essa comunidade e que por motivo de deslocação permanente para outra localidade a pessoa em causa se pretendia unir à igreja batista dessa localidade –, ou na sequência de um processo de «reconciliação» – necessário sempre que anteriormente o membro tivesse recebido a medida máxima de disciplina com a desvinculação da igreja, a chamada «exclusão». Por outro lado, a saída de membros ocorria por falecimento, por carta demissória ou por exclusão.

³¹ NORTE, Maria Manuela Freitas de Jesus; ÚRIA, Maria Madalena Freitas de Jesus Figueiredo – Entrevista1. Figueira da Foz, 2016.

³² SOUSA, Teresa Guedes Pedreira e – Entrevista2 (email). 2016.

familiares. Foi ainda facultada pelo autor uma cópia do trabalho de pesquisa genealógica realizado por Paulo Ribeiro para os descendentes de Abel e de Conceição Figueiredo, recurso importante uma vez que praticamente todos os filhos deste casal foram membros da igreja batista de Viseu durante o período estudado.³³

A consulta da fonte principal e das fontes complementares permitiu confirmar a grande proximidade e colaboração que existiam entre as duas comunidades estudadas, mesmo quando pertenceram a organismo federativos diferentes. Esta proximidade evidenciava-se na transferência recíproca de membros, na mútua participação e pregação em serviços e outros eventos religiosos, e, ainda com maior relevância para esta pesquisa, na realização de uniões conjugais entre membros de uma e de outra igreja. É, assim, possível identificar relações familiares não só dentro de cada uma das comunidades como entre as mesmas.

O LUGAR DA FAMÍLIA NA «CATEQUIZAÇÃO» BATISTA

A questão da coesão familiar era um tema da máxima importância no contexto destas igrejas. Eram muito raras ou mesmo inexistentes cerimónias nupciais³⁴ em que um dos cônjuges não fosse membro de uma comunidade protestante, e em particular batista. Era assim fortemente desincentivada a união matrimonial entre pessoas com diferente filiação religiosa. A confirmar este paradigma veja-se a título de exemplo uma história, tida como verídica, contada nas páginas do jornal por António Maurício, um dos principais dirigentes batistas nesta época. O autor começa por narrar o episódio de aproximação à igreja batista de uma jovem, «uma ovelha das muitas que estão fora do aprisco». A história salta depois para a adesão de dois jovens, irmãos

³³ RIBEIRO, Paulo Jorge Figueiredo – Descendentes de Abel Figueiredo. 2012.

³⁴ É de referir que só com a regulamentação da Lei n.º 16/2001, de 22 de Junho, (Lei da Liberdade Religiosa) os casamentos oficiados por comunidades religiosas não-católicas passaram a ter reconhecimento civil em Portugal. Assim, até esta data as igrejas batistas só realizavam cerimónias religiosas nupciais após os seus membros comprovarem o registo da união civil.

entre si, à mesma igreja. Um deles acabou por casar com a jovem já antes mencionada; porém, o outro «afasta-se da igreja para casar catolicamente com uma jovem, bonita e rica». Mas, segundo o autor, não foi feliz e mais tarde, num episódio de desespero e arrependimento, pediu à esposa para se vestir com as suas próprias vestes nupciais e matou-a a revólver, tentando o suicídio logo de seguida. Não logrando o seu objetivo, acabou por enlouquecer e por ser levado para um hospício.³⁵

Este texto é bem ilustrativo da forte persuasão produzida para que as famílias permanecessem unidas em torno da mesma filiação eclesiástica, o que garante a esta investigação um razoável detalhe no processo de reconstituição de famílias e das próprias igrejas. A forma como Maurício encarava o processo que o conduziu ao seu próprio casamento é bem ilustrativo de uma perspetiva muito clara quanto à conjugalidade, apresentada como desígnio divino e com um pendor quase escatológico. O capítulo 3 da sua obra autobiográfica *Salvo para Servir* tem como título «A esposa que Deus me deu».³⁶ Depois de alguns namoros e oportunidades de casamento com outras tantas jovens pretendentes a pergunta ecoava na mente de Maurício: «Quem escolheria?».³⁷ Mais à frente, referia ele em relação à sua futura esposa e à irmã desta: «... foram elas as primícias em Tondela, e como preferiram ficar solteiras a não casar com crentes, resolveram esperar que Deus lhes dirigisse o futuro».³⁸ Rematava então o capítulo asseverando: «... creio que foi Deus que me deu a esposa, a fiel cooperadora que tenho a felicidade de possuir».³⁹

AS REDES FAMILIARES NAS IGREJAS BATISTAS EM VISEU E EM TONDELA

Para este trabalho foram coligidos dados fundamentalmente com base nos conteúdos noticiosos do jornal *O Semeador Baptista* relativos às igrejas batis-

³⁵ MAURÍCIO, António – Dois casamentos: um feliz e outro trágico. A chamada dum à corte celeste! *O Semeador Baptista*. Vol. XI, n.º 126 (1937), p. 3.

³⁶ MAURÍCIO, António – *Salvo para Servir*, p. 273.

³⁷ *Ibid.*, p. 275.

³⁸ *Ibidem*.

³⁹ *Ibid.*, p. 276.

tas de Viseu e de Tondela. Incidentalmente registou-se ainda informação relativa a outras igrejas, também batistas, sempre que esta implicava pessoas e famílias identificadas com as comunidades em estudo. Foram, todavia, descartadas as referências a pessoas individuais que compunham as igrejas mas que em nenhum momento ao longo do período em análise surgem associadas com qualquer tipo de relação familiar ou de parentesco a outra ou a outras pessoas destas ou de outras comunidades batistas. Para esta pesquisa também não se relevaram eventuais relações familiares entre pessoas pertencentes a comunidades batistas e de outras confissões protestantes e muito menos com pessoas pertencentes a círculos católicos ou pessoas sem religião, pois interessava observar estritamente as dinâmicas familiares exclusivamente no seio das igrejas batistas.⁴⁰

Naturalmente que as relações, quaisquer que sejam, são processos dinâmicos, pelo que no caso em apreço também se foram alterando ao longo do período em estudo. Embora não fossem de todo comuns separações ou divórcios no período em análise no contexto das igrejas batistas, há registos de falecimentos, novas famílias que se formam por casamento, e famílias que aumentam pelo nascimento de novas crianças. Sendo o principal objetivo deste estudo a identificação de diversos graus de parentesco, não estão contempladas neste estudo outro tipo de ligações. Porém, as fontes referem-se pontualmente a outras como: o tipo de filiação e o exercício de funções de liderança na comunidade, local de residência, e até mesmo relações laborais entre membros da comunidade.

Os dados disponíveis em relação ao número de membros que constituíam as igrejas para o total do período em análise são escassos.⁴¹ Aliás, este é sem-

⁴⁰ Mesmo não sendo explícita na fonte principal a pertença eclesiástica era sempre possível inferi-la: pessoas de confissão católica ou mesmo sem confissão religiosa tinham indistintamente o tratamento de «senhor» ou de «senhora», enquanto os fiéis batistas e de outras igrejas protestantes eram sempre designados como «irmão» ou «irmã».

⁴¹ FELIZARDO, Herlânder – *História dos Baptistas em Portugal*, p. 18; Actas, Relatórios, Pareceres, etc.: Décima Reunião Anual realizada com a Igreja Baptista de Valença do Minho nos dias 28 a 31 de Agosto de 1936. Porto: Convenção Baptista Portuguesa, 1937, p. 52; Relatório Espiritual e Financeiro da Igreja Baptista de Tondela de 1 de Maio de 1942 a 30 de Abril de 1943. Lido na Reunião do seu 29.º Aniversário, em 9 de Maio de 1943.

pre um ponto determinante para qualquer análise desta natureza. Como afirma Scott e Carrington: «Size is critical for the structure of social relations because of the limited resources and capacities that each actor has for building

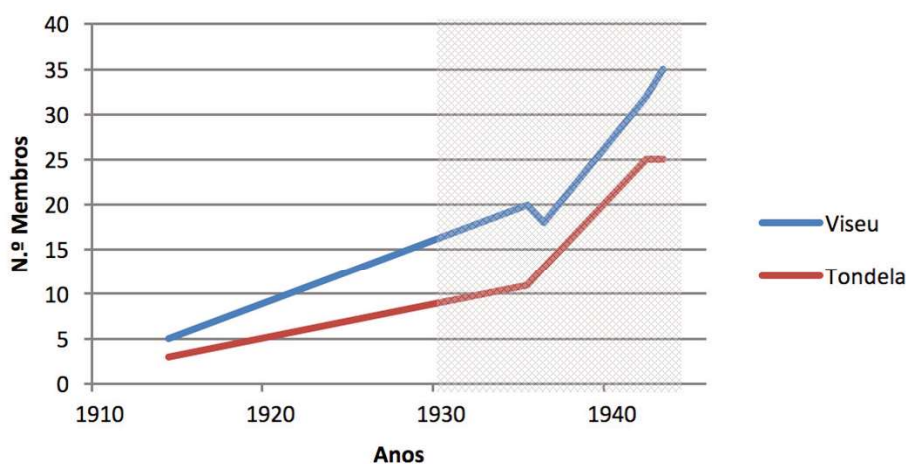


Gráfico I. Total de membros das igrejas batistas de Viseu e de Tondela (1914-1945)
— a rede diz respeito ao período estudado

and maintaining ties».⁴²

Como se pode ler a partir do Gráfico I, as duas comunidades nunca ultrapassaram as poucas dezenas de membros batizados, calculando-se que no final do período estudado esse número não fosse além das 60 pessoas, no conjunto das duas. Porém, a sua evolução foi regular para ambas as comunidades. O número de membros da igreja batista de Viseu foi sempre superior em cerca de 1,8 ao da sua congénere em Tondela, o que, coincidentemente, acompanha a relação entre a evolução da população dos respetivos concelhos: 1,7 para o Censo de 1930, 1,8 para o Censo de 1940 e 1,9 para o Censo

⁴² SCOTT, John; CARRINGTON, Peter J. – *The SAGE Handbook of Social Network Analysis*. Londres: SAGE, 2011, p. 341.

⁴³ Censo da População de Portugal: 7.o Recenseamento Geral da População. Lisboa: Imprensa Nacional, 1933, p. 18; VIII Recenseamento Geral da População: no Continente e Ilhas Adjacentes em 12 de Dezembro de 1940. Lisboa: Imprensa Nacional, 1945, p. 14; IX Recenseamento Geral da População: no Continente e Ilhas Adjacentes em 15 de Dezembro de 1950. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, 1952, p. 34.

de 1950.⁴³ Tendo, porém, em conta que, como já foi referido, o número de pessoas que formavam a comunidade incluía membros não batizados – crianças e mesmo alguns adultos – é plausível concluir que mais de uma centena de pessoas tenham integrado estas duas comunidades entre 1930 e 1945.

Não sendo possível através das fontes estudadas conhecer com precisão o número e a identidade de todos os integrantes destas comunidades, procurou-se apenas identificar o maior número possível de graus de parentesco entre os mesmos. Para tal, foram consideradas inicialmente as relações de conjugalidade, de parentalidade e de segundo grau, designadamente de irmãos. Relações familiares de terceiro grau (tios e sobrinhos) e de quarto grau (primos) só foram incluídas para casos em que não se identificaram relações mais próximas. Percebe-se, assim, que se fossem considerados esses graus de relação o número de «arestas» nos grafos obtidos aumentaria consideravelmente.

Dentro dos critérios acima descritos foi identificado um total de 98 pessoas ao longo do período em análise, pessoas essas que em determinado momento deste intervalo pertenceram a uma das duas comunidades estudadas. Destas, 60% eram do sexo feminino e 40% do sexo masculino. Através das notícias de nascimentos foi possível identificar 13 crianças, as quais não deverão ter integrado as comunidades estudadas ao longo deste período na qualidade de «membros», tendo em conta que estas igrejas não praticam o pedobatismo.

Uma vez que o período analisado é relativamente curto – 15 anos – e que no final desse mesmo período (1945) as igrejas tinham pouco mais de 40 anos de existência, não foi possível analisar em detalhe a continuidade dessas famílias no seio destas duas comunidades em particular ou mesmo das outras comunidades batistas. Se a análise tivesse sido mais alargada haveria que considerar igualmente fatores de mobilidade. Só assim se poderia perceber qual a frequência com que os descendentes de cada uma das famílias permaneceram ligados às suas comunidades de origem. As entrevistas realizadas conjugadas com a informação genealógica da família Figueiredo permitem intuir que essa permanência se tenha mantido elevada nas gerações seguintes. No entanto, não foi possível confirmar quantitativamente esses dados, pelo que não se dá aqui relevo a tais informações. É certamente um passo a dar em in-

vestigações futuras sobre estas e outras comunidades batistas noutros pontos do país.

A maior parte da informação recolhida (70% do total das relações familiares apresentadas) tem como origem a fonte principal – *O Semeador Batista*. A maior parte dos parentescos identificados diz respeito às relações de parentalidade (37%), de primeiro grau, designadamente irmãos (34%), e de conjugalidade (23%), as quais são também as mais relevantes para este estudo e as mais frequentemente identificadas nos espaços noticiosos do jornal. As relações de segundo grau – tio/sobrinho – e de outros parentescos não identificados representam apenas 7% do total.

Estes dados permitem concluir que as igrejas eram formadas por pessoas pertencentes a núcleos familiares de grande proximidade (casal e filhos). Identificaram-se também vários casos em que irmãos já adultos pertencem às comunidades, não se conhecendo, na maior parte dos casos, se os seus progenitores também as integravam. Pode-se inferir que a transmissão da fé ocorria geralmente «de cima para baixo» (pais para filhos) ou «lateralmente» (entre irmãos e cônjuges); parece ser mais rara uma transmissão de fé de «baixo para cima» (filhos para pais) mas ainda assim há registo de algumas destas situações.

Deve-se ainda esclarecer que na identificação das mulheres se optou por grafar os seus apelidos de solteira sempre que tal fosse possível. Desta forma percebe-se melhor as dinâmicas de união entre as famílias cujos casamentos decorreram ao longo do período estudado.

Na presente investigação recorreu-se fundamentalmente a um dos possíveis instrumentos para a análise de redes sociais: a construção de grafos recorrendo ao programa NodeXL.⁴⁴ Logo, as conclusões foram obtidas a partir da visualização desses grafos e não pela aplicação de elaborados modelos matemáticos, nomeadamente a partir de matrizes.

Numa primeira leitura realizada a partir do total de integrantes de ambas as comunidades identificados pelos critérios acima definidos percebe-se a existência de alguns núcleos familiares (v. Gráfico II) mas, mais relevante ainda

⁴⁴ NodeXL: Network Overview, Discovery and Exploration for Excel - Home. [acedido 23 Dezembro 2016] em <URL <https://nodexl.codeplex.com/>>.

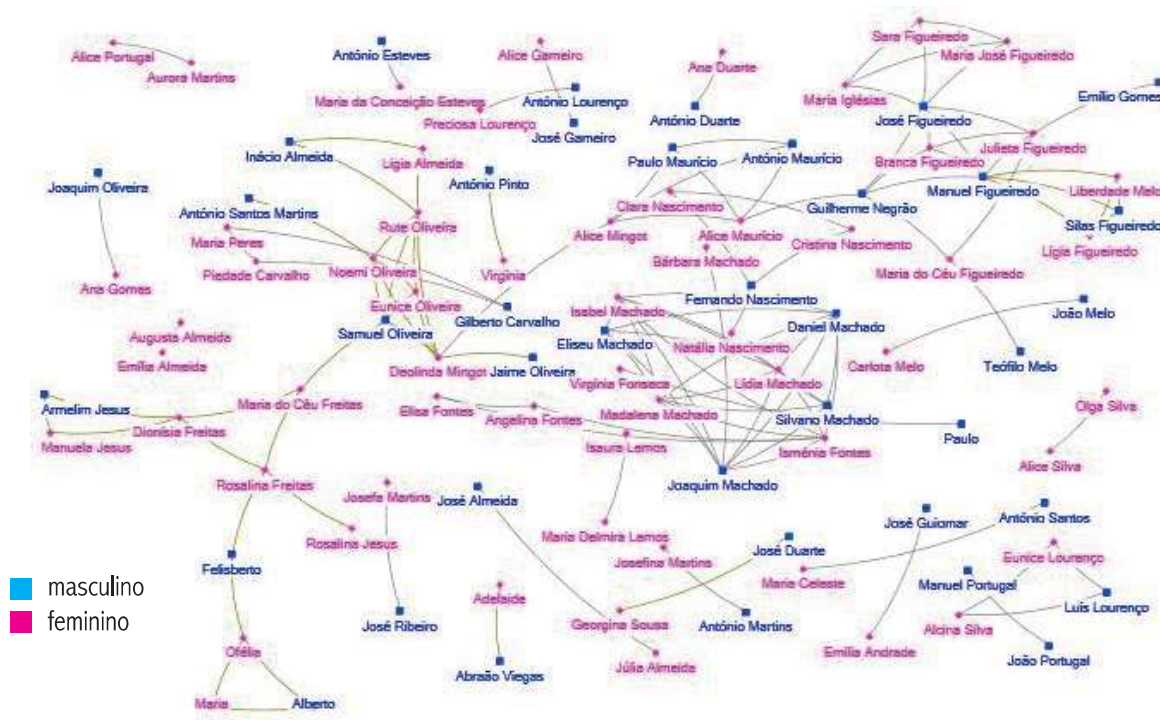


Gráfico II. Rede familiar geral das igrejas batistas de Viseu e de Tondela (1930-1945)

para o propósito deste estudo, também se denota um aglomerado contínuo entre a maior parte desses núcleos, o que evidencia relações de parentesco alargado. Na verdade, 53% das pessoas identificadas pertencem fundamentalmente a três núcleos familiares: os Figueiredo / Carvalho, os Oliveira / Freitas e os Machado / Fontes. Das 120 arestas deste grafo apenas 19, ou seja cerca de 16%, referem-se a vários tipos de parentesco entre grupos de duas pessoas, o que quer dizer que a vasta maioria das pessoas das igrejas batistas de Viseu e de Tondela estavam integradas em núcleos familiares de três ou mais pessoas, todas elas pertencentes a essas mesmas comunidades. Os membros destas famílias, que nalguns casos incluíam já três gerações (avós / pais / filhos) eram coincidentemente muito envolvidos nos vários níveis da liderança das comunidades, o que se conclui a partir das notícias no jornal sobre as funções exercidas no âmbito da orgânica própria de ambas as igrejas. Os próprios pastores eram parte desses aglomerados mais numerosos, estando nuns casos ligados por relações indiretas de parentesco (por exemplo, cu-

nhados ou outras relações de afinidade) a outros núcleos familiares.

Mais evidente se torna o elevado grau de familiaridade entre os integrantes das igrejas analisadas quando se conclui que 42% das pessoas da amostra ini-

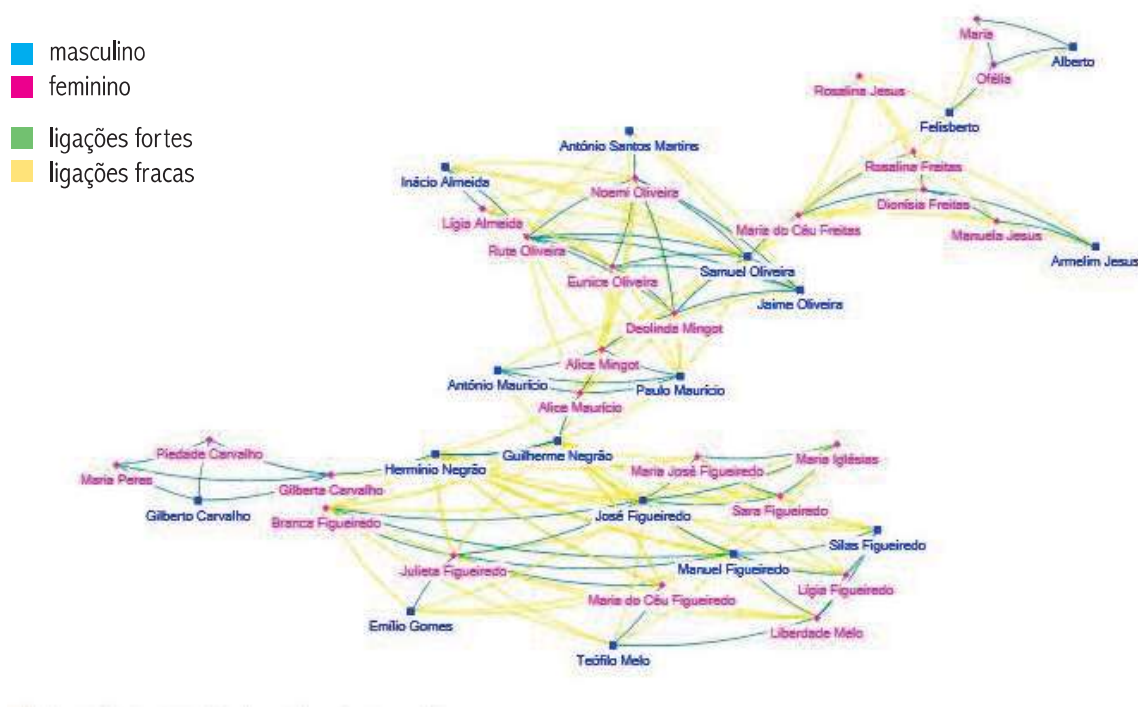


Gráfico III. Rede das principais famílias das igrejas batistas de Viseu e de Tondela (1930-1945)

cial constituem um grafo único. Isso mesmo fica demonstrado no Gráfico III.

Para este exercício foram considerados alguns tipos de relações adicionais, nomeadamente de terceiro grau (tio / sobrinho), de quarto grau (primos) e mesmo de afinidade (cunhados), que aqui foram designadas como «ligações fracas». As relações incluídas no grafo inicial foram aqui tratadas como «ligações fortes». A distinção entre estes dois tipos de ligações fica evidente na leitura do Gráfico III. É relevante ainda mencionar que a ligação entre os aglomerados familiares Figueiredo / Melo (maioritariamente de Viseu) e Oliveira / Freitas (maioritariamente de Tondela) se estabeleceu através da família Maurício, cujo «patriarca» – António Maurício – era um dos principais líderes do movimento batista em Portugal. Foi também possível identificar alguma mobilidade entre as duas igrejas, quer fosse por razões de casamento

quer fosse por razões pessoais, por exemplo de ordem profissional. Este movimento dava-se com mais frequência de Tondela para Viseu, embora se tenham observado movimentos inversos.

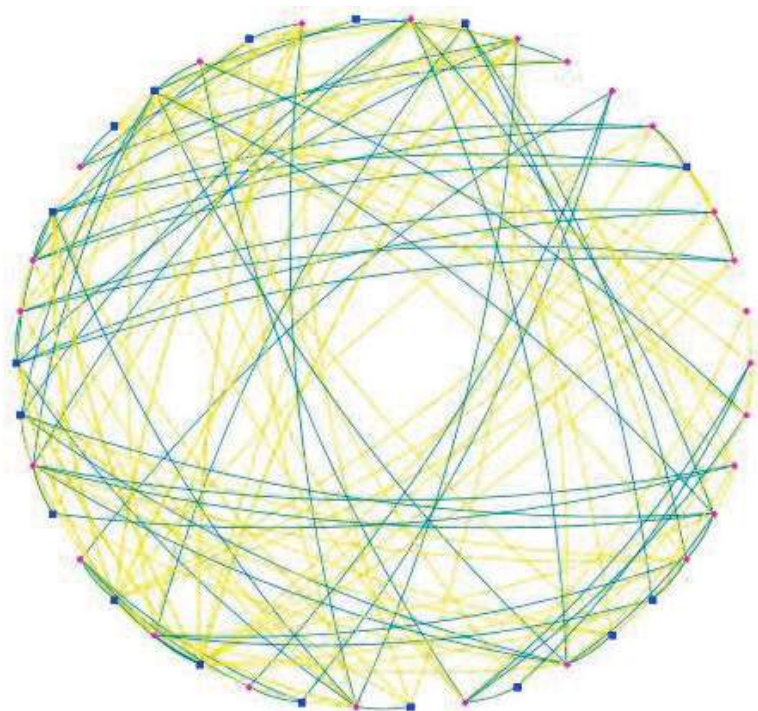


Gráfico IV. Textura das relações entre as pessoas das principais famílias das igrejas batistas de Viseu e de Tondela (1930-1945)

Numa outra perspetiva, através da leitura de um grafo circular (v. Gráfico IV), percebe-se a densa textura das relações entre estas mesmas pessoas. A densidade desta rede, ou seja a proporção de todas as ligações possíveis que estão efetivamente presentes, é 0,1 (numa escala de 0 a 1). Porém, alguns dos nodos apresentam um elevado número de vértices, próximo de 50% das ligações possíveis.

NOTA CONCLUSIVA

A partir dos dados obtidos, as conclusões que se podem tirar são fundamentalmente de carácter preliminar. Ficam muitas questões por responder, as quais só poderiam ser trabalhadas se as fontes dessem mais ou mais deta-

lhadas informações, ou ainda, se se fizesse uso de outras fontes. Ainda assim pode-se concluir que, para o período em análise, a fonte principal utilizada foi capaz de fornecer informação pertinente para o objeto de estudo.

O que fica demonstrado é que a análise de redes sociais é um potente instrumento para o conhecimento de relações familiares, neste caso, no contexto de comunidades relativamente fechadas, por isso mais facilmente controladas. Efetivamente, as fortes pressões sociais externas mas também o tipo de discurso produzido dentro destas comunidades, na época, tornava muito difícil que pessoas de um círculo familiar próximo, designadamente cônjuges e descendentes diretos, não pertencessem à comunidade na totalidade dos seus elementos. Havendo divergência na família, ou todos abandonavam a comunidade ou os mais relutantes acabavam por aderir nem que fosse por solidariedade. Para os que ainda não tinham constituído família, esse processo era visto como parte do desígnio divino pelo que a relação conjugal acabava, regra geral, por ser estabelecida no seio da comunidade eclesiástica. A conjugação destas dinâmicas acabou por conferir uma grande coesão a estes grupos.

Como afirma Claire Lemercier em relação à utilização de métodos de análise de redes na história «... they are not based on the assumption that any individual is free to choose his or her friends, regardless of any social constraint; on the contrary, they provide robust tools to investigate homogamy (the tendency to link to people similar to oneself) or endogamy (the tendency to link to people previously already linked to oneself, e.g. the “matrimonial re-linking” of family history). Esta investigação pode, assim, ser um primeiro contributo para um trabalho mais aturado na reconstituição das famílias e subsequentemente das próprias igrejas batistas em Portugal.